

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: OUTROS MODOS DE FAZER E PENSAR A EDUCAÇÃO

Veronica de Lima Mittmann[1]

Claudia Glavam Duarte [2]

Círculo de Saber: Círculo de Saber 04: Formação Inicial e Continuada de Professores

Resumo: O presente artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa de mestrado realizada em 2017 e tem o objetivo de problematizar e apresentar uma análise do discurso na perspectiva foucaultiana, de enunciações que emergiram nas falas dos discentes do Curso Licenciatura do Campo: Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Campus Litoral Norte - CLN a respeito da interdisciplinaridade. Para esse estudo, utilizamos os conceitos foucaultianos de verdade, discurso, enunciado e enunciação. A metodologia foi a pesquisa qualitativa e a produção de dados se deu por meio de entrevistas, que foram gravadas, transcritas, recortadas e agrupadas em densidades analíticas. No caso específico desse artigo, a densidade analítica utilizada foi a não enunciação da expressão “ciências da natureza”. Entendemos que a interdição da expressão nas enunciações dos discentes do curso se deva ao fato de, em um jogo de forças, a disciplinaridade ainda se apresentar com mais força do que a interdisciplinaridade e isso, talvez se deva ao fato de ainda vivermos em uma sociedade ainda bastante disciplinar.

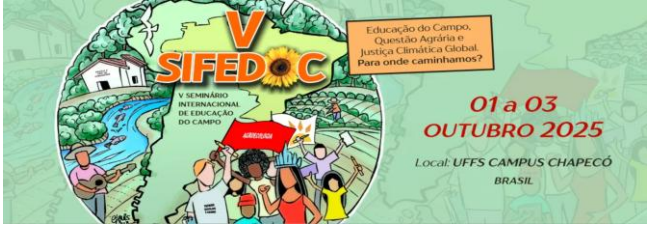
Palavras-chave: Educação do Campo; Interdisciplinaridade; Estudos Foucaultianos.

Introdução

> A beleza sabe, como poucas coisas, ocupar espaço [...] ocupa a sala, os salões, as mentes e... sonhos, e não conseguimos nos desviar. Ser bela é

[1] Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC), Mestrado e Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação: Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalha atualmente como pedagoga na mesma instituição. E-mail: veronica.mittmann@ufrgs.br

[2] Possui graduação em Licenciatura Plena em Ciências e Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1990), Mestrado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2003) e doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2009). Atualmente é professora do curso de licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Campus Litoral Norte, do Programa de Pós-Graduação: Educação em Ciências atuando na linha de pesquisa Educação Científica: Implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos e do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Matemática, especificamente na linha de pesquisa: Formação de professores de Matemática e Novas Tendências. As investigações e análises realizadas possuem como ferramentas teóricas a filosofia da diferença, principalmente das teorizações de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Ludwig Wittgenstein. Tem experiência na área de Educação atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Matemática; Educação em Ciências, Diversidade, Educação do Campo, saberes populares e conhecimento científico, Etnomatemática e currículo. Coordena o Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade (GEEMCo). E-mail: claudiaglavam@gmail.com



> ofício que não deveria ter preço. Nem castigo. Deixem as rosas em paz! Como sabiamente decidiu o bispo de Digne, Monsenhor Bienvenu, de “Os miseráveis”, quando não permitiu que sua plantação de roseiras desse lugar a uma horta. O belo é tão útil quanto as coisas úteis, disse ele. As rosas ficam! (MADEIRA, 2024, p. 32)

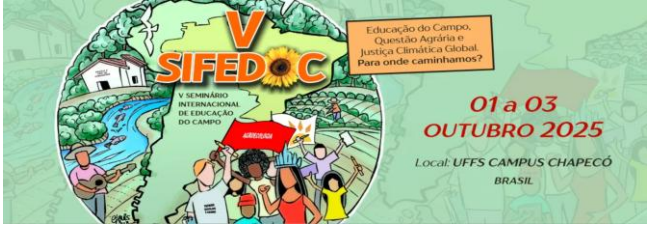
Ao ler a epígrafe, percebemos que talvez a educação não precise ser sempre útil e possa, por vezes, ser bela. Em um mundo que prioriza a utilidade, torna-se necessário o movimento de reconexão com aquilo que nos oferece nada mais e nada menos do que beleza. A inútil beleza das flores, da poesia, de sorrir, de educar, de aprender e de viver, já que, como propõe Krenak (2020), a vida não é útil. Isto é,

> Aqui, do outro lado do rio, há uma montanha que guarda a nossa aldeia. Hoje ela amanheceu coberta de nuvens, caiu uma chuva e agora as nuvens estão sobrevoando o seu cume. Olhar pra ela é um alívio imediato para todas as dores. A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras (KRENAK, 2020, p. 28).

Acreditamos com Krenak (2020) que nem a vida nem a educação precisam ser úteis. Ao impor a necessidade de utilidade para a vida e para a educação, perdemos a experiência e ficamos tristes e ansiosos. Viver e aprender são exercícios de estar no mundo. E estar no mundo envolve construir relações com os outros seres vivos, com as pedras, com a terra, com o ambiente. Nem tudo precisa oferecer vantagens ou ser lucrativo. Estudar é uma caminhada de degustação de mundo. Qual é o valor dos pés que tocam o chão? Quanto custa o vento suave que toca o rosto?

Com frequência, ouvimos discursos que anunciam que o “mundo vai acabar”. Essa expressão reflete uma realidade preocupante: o modo de vida adotado pelas populações mais ricas tem colocado a existência humana em risco, já que o estilo de vida consumista transforma animais, plantas, rios e até rochas em simples matéria-prima, acelerando a degradação da natureza. Esse processo tem provocado um desequilíbrio ambiental cada vez mais evidente, com eventos climáticos extremos tornando-se mais frequentes e intensos. Vivemos um novo tempo. E, diante dele, precisamos compreender que:

> O mundo vai acabar, ao menos como o conhecíamos: há fatos concretos muito claros, como o aquecimento global, a pandemia, a destruição acelerada da natureza. E, junto com esse ocaso, entra em crise também a mentalidade vigente: a razão cartesiana ocidental colonialista binária (poderia acrescentar



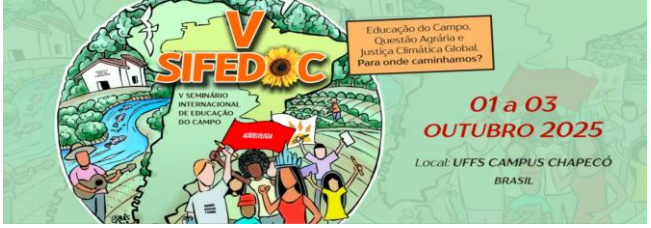
> mais alguns adjetivos...), e nada mais será como imaginávamos antes (Saavedra, 2021, p. 16).

Vivemos em um momento de grandes transformações e que nos desafia a viver de outros modos. Tempos como esses são favoráveis à brotação de maneiras outras de estar no mundo. No entanto, muitas vezes “só percebemos, e ainda assim mal e mal, o que é que eles vão deixando para trás como uma escama de cobra, que antes nos identificava e que agora olhamos com certo espanto, mal imaginando que ontem éramos aquilo” (Pelbart, 2019, p. 108).

Entendemos que a Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza ainda mantém olhos curiosos para o mundo e se propõe a experimentar outras maneiras de ensinar e de aprender, de compreender e de organizar os saberes. É uma licenciatura que experimenta com os seus discentes, futuros professores, outros tempos, por meio da Pedagogia da Alternância e uma organização diferentes dos seus saberes, por meio da interdisciplinaridade, dos eixos temáticos e dos temas geradores. Assim, entendemos que esse curso tem essa abertura para experimentar outras maneiras de pensar e praticar a educação, pois “[...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (LARROSA, 2002, p. 28).

Nesse sentido, apresentamos os resultados de uma pesquisa realizada com os 32 estudantes que fizeram parte da primeira e da segunda turma do curso Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza do Campus Litoral Norte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e que ingressaram em 2014/2 e em 2015/2. A pesquisa foi realizada em 2017 e se norteou pelas seguintes questões: Quais são as enunciações dos educandos do referido Curso a respeito da interdisciplinaridade? Que enunciados emergem de tais enunciações? E o objetivo foi o de problematizar e apresentar uma análise do discurso na perspectiva foucaultiana, de enunciações que emergiram nas falas dos discentes do Curso Licenciatura do Campo: Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Campus Litoral Norte - CLN a respeito da interdisciplinaridade.

Metodologia



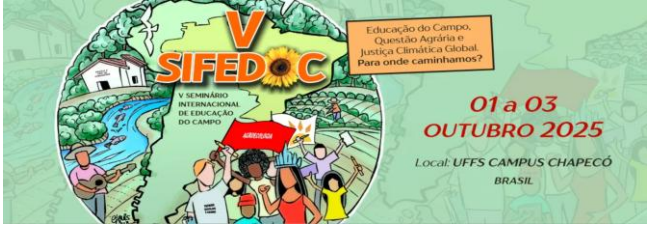
A pesquisa teve a intenção de compreender as enunciações dos educandos da Licenciatura em Educação do Campo a respeito da interdisciplinaridade e com isso, tentar perceber quais enunciados emergiam de tais enunciações, a fim de problematizar e apresentar uma análise do discurso na perspectiva foucaultiana.

Para isso, realizamos entrevista semiestruturada, isto é, tínhamos um roteiro, mas não ficamos tão presas a ele e fomos nos movendo conforme a conversa ia se desenvolvendo. Os estudantes do curso foram chamados individualmente, no horário de suas aulas, pois muitos eram de outros lugares e ficaria inviável que viessem no campus somente para a realização das entrevistas. Essas falas foram gravadas e transcritas e tomamos o cuidado de avisá-los sobre a metodologia do trabalho. Isto é, solicitamos que antes das entrevistas assinassem o TCLE, que havia sido aprovado pela Comissão de Ética da Universidade, e informamos que a entrevista seria gravada. Ademais, salientamos o nosso compromisso com o sigilo do nome dos participantes. Cabe salientar que o total de entrevistados foram 32 estudantes, que haviam ingressado na primeira e na segunda turma, em 2014/2 e 2015/2.

Utilizamos para esse trabalho a pesquisa qualitativa e os dados produzidos foram analisados pelas lentes da perspectiva foucaultina. Cabe salientar que utilizamos os conceitos de verdade, enunciado, enunciação e discurso. As enunciações seriam as falas dos discentes e por isso, é um evento único e não se repete. Isto é, ocorre em uma determinada data, horário e local e mesmo que em outro momento, um mesmo estudante repita a mesma fala, essa irá se constituir como uma nova enunciação. Já o enunciado seria aquilo que atravessa uma enunciação e diferentes falas podem ter um mesmo enunciado. O enunciado seria aquilo que viabiliza a existência dos signos, das linguagens e das línguas. Isto é,

> Se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua (e podemos sempre supor, em lugar de qualquer enunciado, um outro enunciado que, nem por isso, modificaria a língua). A língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis; mas, por outro lado, ela só existe a título de descrição (mais ou menos exaustiva) obtida a partir de um conjunto de enunciados reais (FOUCAULT, 2008, p. 96).

Outro conceito que utilizamos foi o de discurso. Isto é, um discurso seria um conjunto de enunciados com a mesma formação discursiva. Nesse sentido, “os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para



designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala" (Foucault, 2008, p. 55). Com isso, os discursos não apenas descrevem o mundo, mas constroem realidades e maneiras de estar no mundo. Assim, o discurso da interdisciplinaridade e o discurso da disciplinaridade possibilitam diferentes olhares para o mundo e para nós mesmos. Isto é, os discursos seriam "práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam" (FOUCAULT, 2008, p. 55).

Outro conceito que utilizamos foi o de verdade. Isto é, nessa perspectiva, entendemos que as verdades estão em consonância com o momento histórico que vivemos. Isto é, cada época tem as suas verdades e com isso,

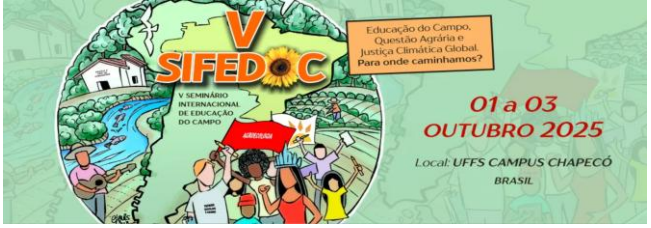
> [...] todos os discursos, incluindo aqueles que são objeto de nossa análise e o próprio discurso que construímos como resultado de nossas investigações, são parte de uma luta para construir as próprias versões de verdade". (PARAÍSO, 2014, p. 29).

Para a produção do material empírico, gravamos e transcrevemos as entrevistas e fomos recortando as enunciações e reunindo em Densidades Analíticas, que seriam acúmulos de enunciados. Isto é, percebemos que um mesmo enunciado atravessava diferentes enunciações, que nesse caso, foi a não enunciabilidade de ciência da natureza.

Densidades analíticas

Cabe salientar que entendemos as Densidades Analíticas como a repetição de um mesmo enunciado em diferentes enunciações. Com isso, percebemos que o enunciado que se repetiu nas enunciações foi a não enunciabilidade de Ciências da Natureza e esse fato nos pareceu curioso, porque o curso de Licenciatura em Ciências da Natureza é uma licenciatura interdisciplinar que reúne conhecimentos de disciplinas da química, da física e da biologia.

Os licenciados nessa graduação estão habilitados para lecionar nos anos finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos e poderiam ministrar aulas de química, física e biologia, que constituem a área de Ciências da Natureza. Cabe salientar que o curso se organiza em quatro eixos temáticos e oito temas geradores. Isto é, cada eixo temático é constituído por dois temas geradores:



> EIXO 1 - A DOCÊNCIA DO/NO CAMPO
> Etapa 1 - Tema gerador: Pesquisa como princípio educativo
> Etapa 2 - Tema gerador: Pesquisa na docência como princípio educativo
> EIXO 2 –TERRITORIALIDADE e SUSTENTABILIDADE
> Etapa 3 - Tema Gerador: Vida e trabalho no campo
> Etapa 4 - Tema Gerador: Saberes, práticas e currículos
> EIXO 3 – DIVERSIDADE CULTURAL DA CONTEMPORANEIDADE
> Etapa 5 - Tema gerador: Sucessão familiar: gênero, gerações e etnia
> Etapa 6 - Tema gerador: Educação e desenvolvimento rural
> EIXO 4: PRÁTICAS DOCENTES
> Etapa 7 - Tema gerador: Docência como Prática Política
> Etapa 8 - Tema gerador: Docência como Prática Social. (UFRGS, 2022, p. 17).

Com isso, “os eixos temáticos possibilitam uma estrutura curricular flexível e dinâmica na medida em que favorecem um diálogo entre a realidade local e o conhecimento acadêmico” (UFRGS, 2022, p. 17). Além disso,

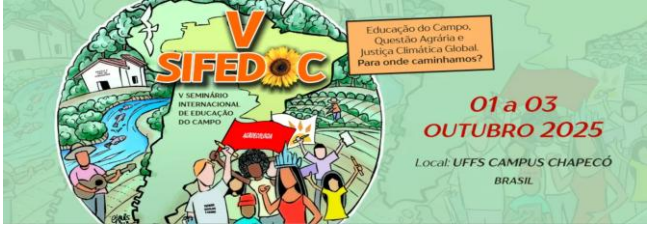
> Os temas geradores, por sua vez, norteados pelos eixos temáticos, problematizam questões, dúvidas e discussões desafiadoras oriundas do diálogo entre a prática social e os saberes produzidos. Tais temas interligam-se e constituem uma rede de subtemas que acenam interdisciplinarmente para uma totalidade (UFRGS, 2022, p. 17-18).

Assim, é possível perceber no Projeto Pedagógico do Curso a intenção de não separar os saberes produzidos da prática social. Isto é, há a compreensão de que os conhecimentos aprendidos na academia precisam estar interligados com a realidades dos estudantes do campo.

Também nesse sentido, os tempos na Educação do Campo: Ciências da Natureza se organizam de maneira diferente do que ocorre frequentemente nos cursos de graduação ou até mesmo, de outras licenciaturas. Com isso, o curso tem duração de quatro anos e cada ano seria constituído por duas etapas. Cada uma dessas etapas ou semestres, seria constituída de 27 dias de Tempo Universidade, com aulas das 8h às 20h que são intercaladas pelos Tempos Comunidade, conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Distribuição das cargas horárias por hora (relógio) nos Tempo Universidade (T/U) e Tempos Comunidade (T/C) em cada etapa (E) do curso

	E1		**E2**		**E3**		**E4**		**E5**		**E6**		**E7**		**E8**	
	TU	TC	TU	TC	TU	TC	TU	TC	TU	TC	TU	TC	TU	TC	TU	TC
Mar			100	10			100	10			100	10			100	10
Abr				80				80				80				70



Maio			100	10			100	10			100	10			70	
Jun				80				80				80				60
Jul			70				70				70				50	
Ago	100	10			100	10			100	10			100	10		
Set		80				80				80				80		
Out	100	10			100	10			100	10			100	10		
Nov		80				80				80				40		
Dez	70				70				70				50			
Total	**450h**		**450h**		**450h**		**450h**		**450h**		**450h**		**390h**		**360h**	

Fonte: (UFRGS, 2022, p. 18).

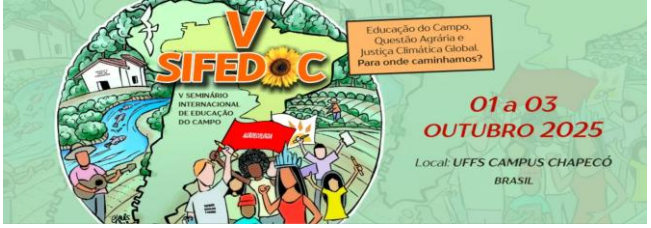
Percebemos no quadro acima que os estudantes cumprem 450 horas que são divididas entre o Tempo Universidade (270h) e o Tempo Comunidade (180h). Com isso, o Tempo Universidade constituiria 60% da carga-horária do curso e o Tempo Comunidade constituiria 40%. No Tempo Universidade, além de ser um tempo em que se aprenderia os conhecimentos teóricos, também seria o momento de planejar as atividades que se desenvolvem no Tempo Comunidade e que serão trazidas para dialogar com os conteúdos no Tempo Universidade. Os discentes também contariam com o acompanhamento de um docente, enquanto estão no Tempo Comunidade, por meio de encontros virtuais e visitas *in loco*.

Conforme o Projeto Pedagógico do Curso (UFRGS, 2014), é nesse intercalar entre os diferentes tempos que se daria o diálogo entre teoria e prática. Ou seja, ambos os ambientes são entendidos como espaços de aprendizagem.

Com isso,

> O Tempo Comunidade não será um apêndice das aulas no Tempo Universidade, e, sim, parte integrante e orgânica das disciplinas que se constituem na relação dialética entre teoria e prática, entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade. Pretende-se ter um novo modo de "olhar" para os processos de ensino e aprendizagem; um olhar que amplie as possibilidades de construção de autonomia dos alunos que já atuam como professores e que, no seu fazer, nas escolas, exercitam o pensamento sobre e na prática (UFRGS, 2013 p. 17).

Nesse sentido, as experiências dos estudantes no curso, se dariam por meio da interdisciplinaridade, tanto por meio da organização dos conteúdos em eixos temáticos e temas geradores, como também da Pedagogia da Alternância, com momentos de Tempo Universidade e de Tempo Comunidade e que também



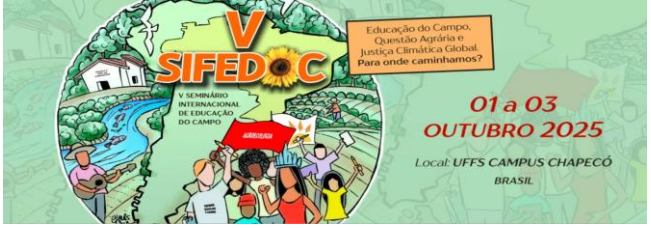
pressupõe uma inseparabilidade entre teoria e prática e compreende que os saberes aprendidos na Universidade teriam que estar em comunhão com a realidade dos sujeitos do campo. Além disso, os conteúdos de química, física e biologia são trabalhados de maneira interdisciplinar nas disciplinas de Ciências da Natureza.

No entanto, percebemos que por mais que os estudantes tenham experiências interdisciplinares no Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, ainda mantêm enunciabilidades disciplinares de química, física e biologia, conforme é possível perceber nas enunciações abaixo:

> [...] eu já gostava muito de **química**, já gostava de biologia, **mas estou apaixonada, principalmente por química**, me identifico bastante. [Grifos nossos]
>
> A gente, eu acho que **a gente tem pouco período das matérias em si**, de **química**, **física** e **biologia**, não sei se é pouco período que eu diria, mas a carga horária, eu acho que a gente precisa, não sei, mas eu estou sentindo uma dificuldade que é a necessidade de ter uma carga horária maior. [Grifos nossos]
>
> [...] na parte da **química, física e biologia** eu não estou conseguindo ainda, por que eles estão muito na matéria, focada, aquela coisa tradicional. [Grifos nossos]
>
> Eu vim por causa da **biologia**, hoje eu gosto mais de **química.** [Grifos nossos]
>
> Olha, como eu te falei, eu gosto mais da parte ambiental, das exatas, para mim, eu gosto de **química**, gosto muito de **química** [...]. [Grifos nossos]
>
> [...] então, quando chega nas aulas de **química, física, matemática**, nas exatas, o pessoal se quebra muito [...][Grifos nossos]
>
> [...] acho um curso legal, amo, mas tem **física**, tem **química** que vão me derrubar, porque eu não tenho base e aí, tudo se perde [...][Grifos nossos]

Com isso, os estudantes têm, ao longo do curso, doze disciplinas de Ciências da Natureza, que trabalha de maneira interdisciplinar, conteúdos da química, da física e da biologia. Contudo, em suas falas, não mencionam a disciplina de Ciências da Natureza, mas dizem estar tendo aulas de química, física e biologia. Assim, a não enunciabilidade de Ciências da Natureza se constituiu como uma densidade analítica e investigamos o porquê de haver a interdição dessa expressão nas enunciações dos estudantes.

Acreditamos com Foucault (1999), que o sujeito moderno passa por diferentes processos de disciplinarização em instituições como a família, a igreja, o hospital e os



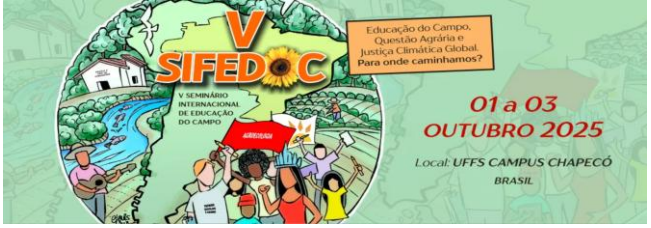
colégios. Esse processo teria como resultante, um corpo dócil e útil e se daria por meio da organização de tempos e espaços, isto é, há determinados horários e espaços para estudar, para se alimentar, para o cuidado pessoal, para conversar e para manter silêncio. Além disso, também se espera que com uma determinada idade possamos nos alimentar sozinhos, caminhar, falar, casar e ter filhos. Ademais, a disciplina também classifica os sujeitos e estabelece aquilo que seria o aceitável e o anormal. Nesse sentido, não entendemos o poder disciplinar nem como algo bom nem como algo ruim. Mas constrói maneiras de estar no mundo.

Nas instituições de ensino, além da disciplina que se atua sobre o corpo, para torná-lo dócil e produtivo, também há uma disciplina que organiza os saberes. Para Veiga-Neto (1996), ambos os eixos disciplinares: disciplina-corpo e disciplina-saber "se complementam, se reforçam mutuamente, para produzir o que se pode chamar de sujeitos disciplinares" (VEIGA-NETO, 1996, p. 58).

> Ao falar em disciplina-saber, refiro me às próprias unidades, a cada um dos compartimentos nos quais se dividem os saberes ou às maneiras como se fracionam e se articulam os saberes. Assim, em torno do eixo corporal estão as relações de subordinação, a submissão física às regras, a ordem no funcionamento (mesmo institucional pois, nesse caso, o ordenamento da instituição é, pelo menos em parte, o resultado dos ordenamentos dos corpos), etc. e em torno de um eixo cognitivo estão as disposições dos saberes, suas relações, suas manifestações apreensíveis (VEIGA-NETO, 1996, p. 58).

Nesse sentido, percebemos que os estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza são sujeitos disciplinares, constituídos por ambas as faces da disciplina: disciplina-corpo e disciplina-saber e por mais que haja outras formas de organização dos saberes, como por exemplo a interdisciplinaridade, esses estudantes são produtos de nosso momento histórico, em que a disciplina ainda é bastante forte, já que as nossas experiências se dão nessa perspectiva. Isto é, nossa sociedade ainda é bastante disciplinar.

Percebemos isto nos discursos que estão em circulação e que nos propõem que há uma maneira adequada de nos vestir, de nos alimentarmos e as práticas que seriam adequadas para uma vida que precisa ser saudável. Além disso, somos avaliados tanto no trabalho, quanto nas instituições em que estudamos. Até mesmo a nossa saúde é avaliada e precisamos estar dentro dos parâmetros de normalidade e



caso não estejamos, precisaremos atingi-los, por meio de cirurgias, dietas, medicamentos. Com isso, até mesmo a nossa vida e o funcionamento do nosso organismo é disciplinado.

Com isso, percebemos que, por mais que os estudantes tenham experiências interdisciplinares, ainda não estavam conseguindo ter enunciabilidades interdisciplinares, por conta de os discursos disciplinares ainda estarem bastante presentes no dia a dia. Contudo, percebemos que essas experiências interdisciplinares possam causar pequenas frestas na disciplina, possibilitando que outras coisas possam emergir dessas diferentes perspectivas.

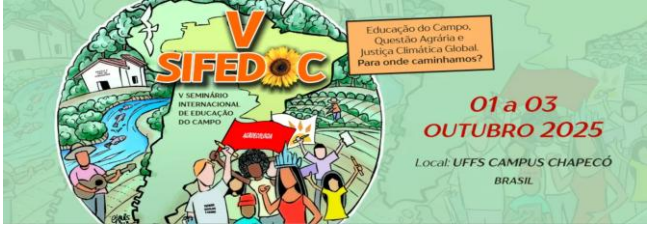
Conclusão

Ao finalizar essa escrita, entendemos que a Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza por meio da organização dos conteúdos em eixos temáticos, temas geradores, da organização dos saberes na perspectiva da interdisciplinaridade e da organização dos tempos escolares em Tempo Comunidade e Tempo Universidade experimenta outras maneiras de ser uma licenciatura, o que pode viabilizar rachaduras no que tem sido pensado e vivido como educação superior.

Ao fissurar o instituído, o referido curso possibilita outras maneiras de pensar o ensino, a educação, a universidade e a escola e assim, viabiliza possibilidades para a invenção de outras maneiras de estar no mundo, de compreender a vida e de ser escola e universidade e com isso, possibilita outros espaços de respiros, de afectos e de movimento para a educação e isso parece bem interessante no momento em que estamos vivendo, no qual precisamos inventar outras maneiras de estar no mundo para continuarmos com a possibilidade de vida humana no planeta.

A Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza ao inventar diferentes tempos e maneiras de aprender, possibilita outras experiências e diferentes maneiras de ser afetado e assim, viabiliza a invenção de outras educações, já que “a invenção de novas possibilidades de vida supõe, portanto, uma nova maneira de ser afetado” (Zourabichvili, 2000, p. 338).

Com isso, essa licenciatura tem o potencial de arejar a educação para viabilizar diferentes maneiras de reinventar o ensinar, o aprender e o viver. Maneiras



que não precisam ser as propostas pelo curso. Quiça, sejam outras! Sejam diferentes! E assim, a educação seja uma prática com mais peles e tatos, mais rios e flor, e muito mais bela. Menos útil e com mais existência.

Referências bibliográficas

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis,RJ: Vozes, 1999.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Vol. 19, p. 20-28, Jan/Abr., 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt Acesso em 28 jul. 2025.

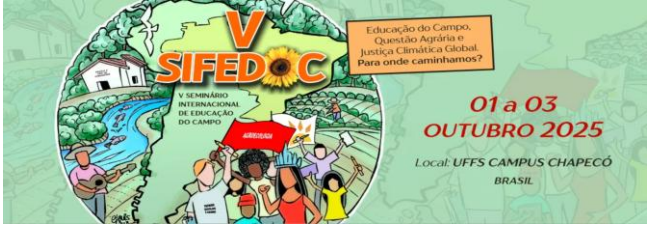
MADEIRA, Carla. **A natureza da mordida**. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologia de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-47.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Educação. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Campus Litoral Norte**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A ordem das disciplinas**. 1996. 339f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1996.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). In: ALLIEZ, Éric (org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.


V
SIFEDOC
V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
Educação do Campo, Questão Agrária e Justiça Climática Global. Para onde caminhamos?
01 a 03
OUTUBRO 2025
Local: UFFS CAMPUS CHAPECÓ
BRASIL